

A economia do país nas mãos de poucos

JORNAL DO BRASIL

Brasil

Em segmentos estratégicos, como bancos, cimento e aviação civil, poucas empresas controlam mais da metade do mercado

Arte JB

LARISSA MORAIS

O excesso de concentração está atrapalhando a concorrência em vários importantes segmentos da economia brasileira. Segundo especialistas, isso ocorre na telefonia, nas indústrias da cerveja, do chocolate e do cimento, bem como nos setores aéreo e bancário.

Em todos os exemplos, os cinco maiores grupos detêm mais de 50% do mercado. Na telefonia local, de norte a sul do país há sempre uma única empresa com mais de 95% de participação. No segmento da cerveja, só uma companhia, a Ambev-Interbrew, possui 63,2% de *market share*. Na área de planos e seguros-saude, 9% das empresas existentes atendem 25 milhões de pessoas, ou 68% do mercado.

– Não resta dúvida de que a economia brasileira é oligopolizada. E esse é um processo que vem se agravando – afirma Ronaldo Fiani, professor de Regulação e Defesa da Concorrência do Instituto de Economia da UFRJ.

Para ele, o argumento de que o país precisa de grandes corporações para concorrer no mercado internacional não se aplica na maioria dos casos.

– Só se justifica um nível elevado de concentração se não há barreiras de entrada num determinado setor. Além disso, o monopólio no Brasil não garante necessariamente o sucesso no exterior – analisa.

A discussão está na ordem do dia. Duramente criticado por permitir a fusão entre a Brahma e a Antarctica que, em 2000, permitiu a criação da Ambev, o Cade proibiu no mês passado a aquisição da Garoto pela Nestlé. Juntas desde 2002, as empresas detêm 56% do mercado de chocolates.

– Diferente do que houve no caso da criação da Ambev, no que diz respeito ao chocolate o Cade está defendendo a concorrência – afirma Edgard Pereira, professor de Economia Industrial da Unicamp, para quem a concentração não é negativa em todos os setores. – O setor aéreo, por exemplo, não comporta o atual número de empresas. Por outro lado, ao permitir o acordo operacional entre a TAM e a Varig para a ponte aérea Rio-São Paulo, o governo ajuda as empresas mas prejudica o consumidor.

Teixeira concorda:

– O governo está abençoando um cartel sob o pretexto de salvar alguns empregos.

Juntas, TAM e Varig detêm 64% do mercado.

No setor financeiro, as cinco maiores instituições (Banco do Brasil, Caixa Econômica, Bradesco, Itaú e Unibanco) controlam 52,8% do mercado.

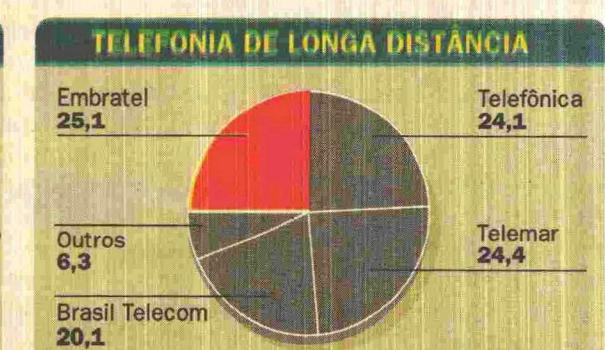
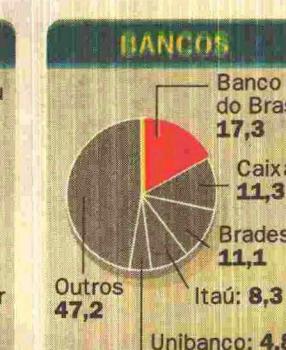
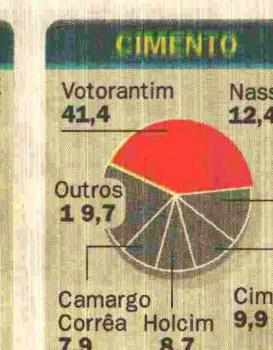
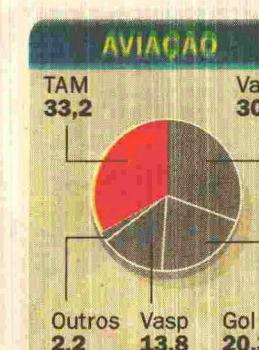
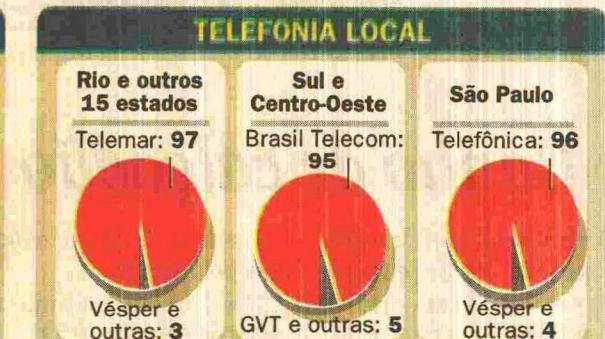
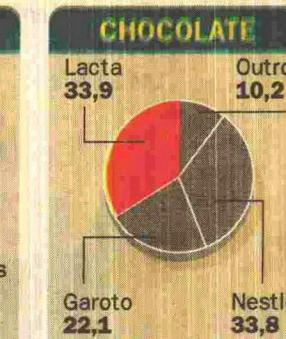
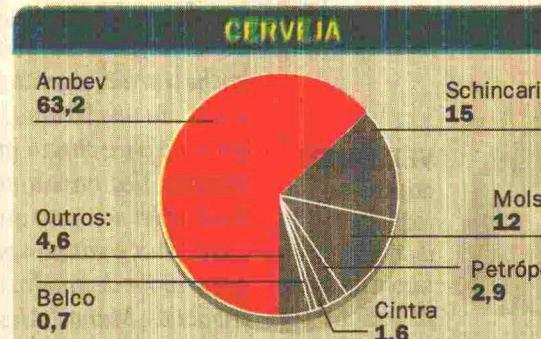
– De fato, existe grande concentração no setor que tende a aumentar ainda mais, principalmente se a Área de Livre Comércio das Américas avançar ou houver maior integração entre os países do Mercosul – avalia Gustavo Pedreira, analista da ABM Consulting.

Arliton Teixeira, do Ibmc, aponta o setor de cimento como um dos mais oligopolizados. Só a Votorantim detém 41,4% de participação no mercado nacional.

Fiani acrescenta que a existência de poucas empresas com grande fatia de mercado facilita a formação de cartéis.

– É difícil organizar um cartel de 200, 300 empresas, mas com duas ou três empresas dá para combinar um assunto numa reunião de clube.

Mercado concentrado



Fontes: Instituto AC Nielsen, Anatel, DAC, Sindicato do Cimento, ABM Consulting e Abras.

Consumidor é o maior prejudicado pela pouca concorrência empresarial

ciadas Américas avançar ou houver maior integração entre os países do Mercosul – avalia Gustavo Pedreira, analista da ABM Consulting.

Arliton Teixeira, do Ibmc, aponta o setor de cimento como um dos mais oligopolizados. Só a Votorantim detém 41,4% de participação no mercado nacional.

Fiani acrescenta que a existência de poucas empresas com grande fatia de mercado facilita a formação de cartéis.

– É difícil organizar um cartel de 200, 300 empresas, mas com duas ou três empresas dá para combinar um assunto numa reunião de clube.